

EPISTEMOLOGIAS OUTRAS: os estudos africanos e O Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos

Dailza Araújo Lopes¹

RESUMO

O presente estudo é resultando das reflexões gestadas durante a disciplina vinculada à linha de pesquisa de Estudos africanos dentro do Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Estudos Étnicos e Africanos – Pós-Afro, intitulada “África: ciência e colonialismo – questões teóricas”. Tendo como proposta analisar criação do Programa multidisciplinar em Estudos Étnicos e Africanos dentro do contexto de produção do conhecimento sobre o continente africano na Bahia e no Brasil. É uma pesquisa de cunho participante e perspectiva bibliográfica. Como resultados da pesquisa aponta-se a importância do Pós-Afro na construção de novas epistemologias sobre o continente africano, de forma endógena, uma vez que o Programa recebe estudos africanos para cursos de mestrado e doutorado, fomentando a realização de pesquisas sobre o continente africano, realizadas por intelectuais africanos, a importância da difusão das pesquisas realizadas dentro do Programa como uma forma de colaborar que a construção de novos currículos na educação e a inserção das pesquisas sobre o continente africano nas bibliotecas.

Palavras-chave: Estudos africanos. Pós-Afro. Epistemologias.

1. INTRODUÇÃO

Percebendo a importância do conhecimento produzido nas universidades e especialmente nos Programas de Pós-Graduação *stricto-sensu*, nos cursos de mestrado e doutorado, e a necessidade de que a epistemologia discutida e produzida na universidade contemple conteúdos e temáticas que anteriormente sem se quer eram mencionadas dentro dos espaços acadêmicos e quando eram discutidas, caminhavam por uma forma estigmatizada, é que propomos aqui uma percepção analítica a respeito do Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Estudos Étnicos e Africanos, também conhecido como Pós-Afro, dentro da difusão e produção dos estudos africanos.

¹ Pedagoga (UNEB), Pós-graduanda em Docência no Ensino Superior (UCAM) e Mestra Estudos Étnicos e Africanos (Pós-Afro/UFBA). Integrante do grupo de pesquisa Coletivo Angela Davis (UFRB). Professora tutora na Universidade Tiradentes (UNIT/Polo Salvador). E-mail: dailzaaraujo@gmail.com.

Essa percepção de uma completude maior em relação às lacunas nas discursões sobre o continente africano são caminhos que vem sendo trilhado há algum tempo, na intenção de ampliar os horizontes e permitir que seja feita uma nova historiografia sobre as sociedades africanas em diálogo com outras histórias.

Nesse contexto, o pensamento de Zamparoni (2007, p. 46) caminha no sentido que “os estudos africanos² ampliem espaço no Brasil, principalmente através da introdução de cursos nas universidades que capacitem, mesmo que superficialmente, novos formadores sociais. E nisso temos tido certo êxito”, partindo dessa premissa surge a relevância desse trabalho, pois a existência em si de espaços que permitam essas discussões, não é suficiente, é também importante que haja a reflexão a respeito de como a construção do conhecimento tem se dado nesses espaços ao longo do tempo.

Assim, torna-se importante situar o Centro de Estudos Afro-Orientais – CEAO, que é um órgão vinculado à Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia - UFBA, voltado para o estudo, a pesquisa e a extensão comunitária na área dos estudos afro-brasileiros e das ações afirmativas em favor das populações afrodescendentes, bem como na área de estudos das línguas e civilizações africanas e asiáticas.

Dentre as ações de ensino do CEAO, destacamos o Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos, tendo em sua estrutura curricular uma perspectiva multidisciplinar, permitindo que seja criado um espaço de produção acadêmica diferenciada no que diz respeito ao campo dos estudos étnicos e africanos no Brasil e na Bahia.

2- DO SILENCIAMENTO Á VISIBILIDADE: A IMPORTÂNCIA DO CENTRO DE ESTUDOS AFRO-ORIENTAIS NO CONTEXTO DOS ESTUDOS AFRICANOS NA BAHIA E NO BRASIL

Para início das reflexões que seguirão, torna-se necessário trazer um breve contexto histórico de criação do Centro de Estudos Afro-Orientais - CEAO e seu

papel de pioneirismo no que diz respeito às primeiras experiências na relação do Brasil com o continente Africano.

Reis (2010) apresenta uma perspectiva histórica sobre a criação do CEAO:

Em fins da década de 1950 foi fundado no Brasil o Centro de Estudos Afro –Orientais (CEAO), na Universidade Federal da Bahia, constituindo -se numa instituição marco para o desenvolvimento de estudos voltados para o continente africano e Oriente. Seu surgimento, em 1959, aconteceu num momento de intensas redefinições políticas para africanos e afro-descendentes pelo mundo. O coroamento de processos de descolonização, junto à conquista de direitos civis pela população negra norte-americana contribuiu para acirrar debates mundiais acerca de questões como anti-colonialismo, imperialismo e, no Brasil, momento de repensar os direcionamentos da Política Externa para o continente africano depois de quase setenta anos de silêncio iniciados no pós-abolição (1888). (REIS, 2008, p. 01)

No contexto do que o autor no enunciado acima chama de pós-abolição, e, onde podemos perceber na fala do historiador Valdemir Zamparoni, em entrevista concedida a Bittencourt e Correa (2011, p. 258) aponta que “o grande salto da historiografia brasileira sobre tráfico e escravidão, que permitiu superar estas perspectivas limitadas, está imbricado também com a convergência entre a História e a Antropologia, algo que já era corrente nos chamados Estudos Africanos”. Desta forma os novos estudos a respeito dos processos que envolveram possibilitaram não apenas outras formas de pensar e analisar a história, como a criação de espaços destinados a este fim.

Assim, dentro ainda dessa perspectiva histórica de surgimento do CEAO, Reis (2008) nos ajuda a refletir dentro do assertiva:

A criação do CEAO, em 1959, representa um marco no país, já que foi a primeira instituição acadêmica voltada para a produção e difusão de conhecimento sobre África. O fomento a um intercâmbio acadêmico, com ênfase na propagação de expressões culturais, entre países africanos e a Bahia, movimentando pesquisadores, professores e estudantes constituiu uma das principais ações previstas com a criação do CEAO. Entre seus objetivos perpassava a difusão deste conhecimento no Brasil, além da atuação como um instrumento político de ligação com países do continente africano. (REIS, 2008, p.11)

Desta forma, percebe-se a relevância do CEAO dentro da produção do conhecimento em território africano, a partir de experiências antropológicas, através dos intercâmbios acadêmicos, sobre estas vivências, Oliveira Junior (2010, p. 162), aponta que “consideramos que o denominador comum dos três referidos tipos de relações entre o CEAO e a costa ocidental africana – o intercâmbio de professores, de estudantes africanos e do “povo de santo” – é, sem sombra de dúvidas, o aspecto religioso”, isto por que os primeiros estudos desenvolvidos concentraram-se no interesse pelos cultos Yorubá, realizado por Maximiliano dos Santos, mais conhecido como “Mestre Didi”, filho de uma yalorixá baiana, com o apoio da UNESCO e do referido Centro, bem como a vinda do professor nigeriano Lasebikan, para ensinar a língua Iorubá.

Nos escritos de Reis (2008) é possível perceber como era vistos pelo governo estas experiências de intercâmbio no contexto Brasil-África:

O contato acadêmico e cultural entre africanos e brasileiros era importante para favorecer aproximações político/econômica entre os continentes. O discurso do governo brasileiro para justificar a necessidade do estreitamento de relações com países do continente africano fundamentava-se numa suposta *afinidade cultural natural* que deveria existir entre Brasil e África, embasado nas históricas relações estabelecidas entre as duas margens do Atlântico ao longo dos tempos coloniais brasileiro. (REIS, 2008, p. 3)

O estudo realizado por Oliveira Junior (2010) sobre a perspectiva contexto de fundação do Centro de Estudos Afro Orientais, pelo filósofo e professor George Agostinho Silva, abordam uma riqueza muito grande de informações a respeito da criação, implementação e funcionamento do Centro, que inicialmente teria sido pensando apenas para estudos africanos, mas que por influencias burocráticas da reitoria da época, acrescentou-se a temática dos Estudos Orientais.

É importante destacar também, o papel protagonista do CEAO na difusão dos estudos africanos e afro-asiáticos, através de publicações eletrônicas,

A primeira revista acadêmica brasileira dedicada a estudos sobre África foi a *Afro-Ásia*, fundada em 1965, 6 anos após a criação do Centro de Estudos Afro-Orientais, a que é vinculada. Nos anos delimitados pela pesquisa (1959-1987) foram publicados 14 números da revista, em 9 volumes que totalizaram 90 artigos, sendo 40 da

área de História. Dentre eles, 18 na área de História da África, ou seja, quase metade do total de publicações de História. (SCHLICKMANN, 2015, p. 23)

Além disso, é importante pontuar que o CEAO, ao longo da sua criação tem sido fundamental para reconstruir o pensamento sobre a África em si, dentro dos mais variados espaços, seja com pesquisa, ensino ou extensão, conforme apresenta Boaventura (2009, p.222) o CEAO como “órgão executor do Programa de Cooperação Cultural entre o Brasil e os Países Africanos e para o Desenvolvimento dos Estudos Afro-Brasileiros como parte do seu programa de trabalho para o ano de 1986, teve como uma de suas prioridades o oferecimento desse curso de especialização”.

Dentro desse contexto, Boa ventura (2009) traz ainda uma relevância para a ampliação dessas ações que apontam para a disseminação dos estudos africanos dentro do CEAO

Ambos os requerimentos fundamentaram-se nas raízes históricas, nas relações entre Brasil e África, no intercâmbio com vistas ao crescimento dos estudos afro-brasileiros, na necessidade de resguardar a memória do País e, em especial, da Bahia, na caracterização da identidade e da diferença do povo e da cultura baiana. (BOAVENTURA, 2009, p. 216)

Ainda de acordo com o mesmo autor citado quando aborda como relato de experiência de estudos africanos na escola baiana, traz a iniciativa do CEAO na implantação dos estudos africanos no Ensino Fundamental nas escolas Bahia, da disciplina Introdução aos Estudos Africanos no currículo das escolas de 1º e 2º graus do Estado da Bahia, ainda em 1982, e da criação de um curso de especialização para formação dos professores dessa disciplina que mais tarde vai se chamar Curso de Especialização Introdução aos Estudos da História e das Culturas Africanas, ministrado pelo CEAO, em convênio com a Fundação Ford, em parceria com a Universidade do Estado da Bahia - UNEB, a Secretaria de Educação e Cultura - SEC (gestão 1983-1987) e entidades negras de Salvador e do Estado da Bahia, tendo duas modalidades: uma de especialização (420h) com duas turmas e periodicidade de 1986.1 - abril e junho e 1986.2 - julho a dezembro e outra como um

curso de extensão (120h) com formação de quatro turmas: Turma 1 - abril/maio; Turma 2 - junho/agosto; Turma 3 - agosto/outubro e Turma 4 - setembro/outubro.

Pretendendo seguir com uma linha de continuidade dos estudos africanos dentro do Centro de Estudos Afro-Orientais, no início do ano 2000, torna-se crescente as discursões em relação ao combate ao racismo e preconceito racial em âmbito nacional e internacional:

Contudo, o dado mais relevante é que essas políticas oficiais não surgem do nada, pois atendem a uma demanda que se apresenta. Hoje temos dezenas de organizações não-governamentais fazendo políticas de ação afirmativa com apoio federal ou de instituições norte-americanas e europeias. Então, essa demanda tem a ver com uma conjuntura internacional que, depois da Conferência de Durban, provocou no Brasil a necessidade de promover políticas de ação afirmativa para a população negra e indígena. (TELES, 2004. p. 145)

Desta forma situa-se aqui a importância das lutas anteriores protagonizadas pelo Movimento Negro, associações negras, Quilombos e terreiros, na busca dos direitos para a população negra, sobretudo, a uma educação que contemplasse a história dos povos africanos como forma desconstruir os mitos da história considerada oficial.

Sendo assim, na ebulição das discussões sobre combate o racismo, preconceito e outras formas de discriminação, a realização da Conferência de Durban na África do Sul em 2001, marca a intensificação das ações para erradicação das várias formas de preconceito, uma dessas ações aqui no Brasil veio a partir da legislação, que se tornou um divisor de águas para a população negra, através da implementação das cotas raciais para ingresso nas universidades e da obrigatoriedade do Ensino de História da África nos sistemas de ensino.

Pensando nessas ações de promoção de políticas afirmativas e de reparação, que ano de 2003 é promulgada a Lei nº 10.639/2003 que incluiu “o estudo da História da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política, pertinentes à História do Brasil”, esse texto alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, nº 9395/96, tornando obrigatória a inclusão dessas discussões nos currículos das instituições de ensino públicas e privadas.

A criação da referida lei, permitiu não só a dinamização dos estudos sobre o continente africano, as diásporas e as dinâmicas internas das sociedades, como também o incentivo à produção deste, trazendo uma centralidade para os estudos relacionados a história da África e dos africanos, e a contribuição desta em outros continentes.

A universidade enquanto formadora de professores para atuar nesses espaços, precisou também adequar seu currículo e contemplar a obrigatoriedade da referida lei, dentro desta perspectiva no ano de 2005 foi criado o Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos (PÓS-AFRO), dentro dos vários espaços dentro da Universidade Federal da Bahia, ficou localizado no CEAO, e de acordo com o Projeto do curso, busca formar pesquisadores voltados para o contexto africano e para as populações afro-americanas, com ênfase nos processos de construção de identidades étnicas e raciais. Trata-se de uma proposta única e pioneira no Brasil, que pretende atender uma demanda crescente por especialistas no campo desde a introdução de temas afro-brasileiros e africanos nos currículos escolares³.

De acordo com o texto elaborado pela coordenação atual do programa, disponível no rodapé desta página, com entradas anuais, o PÓS-AFRO, como consta no seu regimento, recebe inscrições para Pós-graduação *stricto-sensu* a nível de mestrado e doutorado, sendo que “poderá ser oferecidas até 22 (vinte e duas) vagas anuais, sendo 15 (quinze) vagas para o Mestrado e 7 (sete) para o Doutorado.”

Ainda de acordo com o mesmo texto, o enfoque multidisciplinar responde à constatação de que as áreas dos estudos africanos e das relações étnicas e raciais não podem ser adequadamente abordadas seguindo-se a tradição disciplinar clássica, nem devem estar a ela circunscritas.

Assim, podemos pensar o Centro de Estudos Afro-Orientais dentro de um contexto específico de produção e difusão do conhecimento sobre o continente africano, e nessa perspectiva o Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos, tem caminhando e caminha para uma dimensão que

³ Mais informações sobre o PÓS-AFRO, disponíveis em: <<http://untref.edu.ar/sitios/ciea/wp-content/uploads/sites/6/2015/10/U-Bahia.pdf>>. Acesso em: 05 de dez de 2015.

torna possível o acesso a outros debates, que do ponto de vista conceitual, conforme acompanharemos nos escritos a seguir.

2.1 O Pós-Afro e os estudos africanos sob outras epistemologias: historiografia africana endógena

A partir do exposto ao longo deste estudo, compreende que a luta por uma educação para a população negra está em constante movimento, como diz Fernanda nossos passos vem de longe Fernanda Carneiro (2000) a fim de apontar nossa compreensão de que os entrelaçamentos passados permitiram que chegássemos até aqui, resistindo. Sendo assim, para Werneck (2010, p. 76) somos “resultantes de demandas históricas, políticas, culturais de enfrentamento das condições adversas estabelecidas pela dominação ocidental eurocêntrica ao longo dos séculos de escravidão”.

Sendo assim, quando Carlos Moore (2005) aponta uma problemática metodológica no que tange os estudos sobre África, devido à forma como o racismo dominou a produção do conhecimento, se pensando a partir de uma análise do contexto histórico, deu um lugar de privilégio ao ocidente, afastando o continente africano de qualquer possibilidade de autóctone além de construir sob uma visão generalista e disseminar pelo globo, desde percepção geográfica, cultural, econômica, dentre outras perspectivas históricas, por isso a necessidade emergente de uma produção que dê conta de desfazer essa confusão histórica que coloca o continente africano a parte da humanidade.

Nas constantes atualizações que a história é submetida, a proposta é trazer uma historiografia africana, que venha de dentro para fora, no sentido de desconstruir as inverdades históricas, que foram construídas pelos pesquisadores que depuseram seu olhar científico sobre o continente africano e, reduziram a terminologias homogêneas sociedades homogêneas, organizadas em seus sistemas políticos próprios e, que ao olhar do europeu não eram civilizados.

Essa compreensão do colonizador fortaleceu a dominação tanto do ser quanto do saber. A colonialidade do saber foi uma prática que excluiu a produção

científica africana, do ponto de vista dos africanos, dado vão as pesquisa e estudos a partir do olhar externo ao continente.

O Programa de Pós Graduação em Estudos Étnicos e Africanos, tem se empenhado em romper com essa forma de produzir conhecimento, oportunizando o desenvolvimento de pesquisas realizadas por estudantes africanos (as), além estar buscando contribuir na formação contínua de profissionais em estudos étnicos e africanos, sob uma perspectiva multidisciplinar, dando origem a inúmeros trabalhos acadêmicos, como teses e dissertações das mais variadas temáticas e abordagens teóricas metodológicas envolvendo as duas linhas de pesquisa existentes no programa das duas linhas de pesquisas, uma em estudos étnicos e outra em estudos africanos, e, sobretudo possibilitando o diálogo entre elas.

Conforme podemos perceber no texto que segue:

Em torno do POS-AFRO e do CEAO e gravita um número significativo de especialistas que têm construído uma sólida tradição de pesquisa sobre temas como relações raciais, religiões afro-brasileiras, escravidão, memória, patrimônio, história das populações indígenas, novas e tradicionais formas de identidade étnica, tanto no espaço brasileiro quanto no contexto africano, passado e presente. Isto tem resultado numa crescente demanda de alunos por formação em nível de pós-graduação, oriundos não só da Bahia, como de outros Estados do país e mesmo do exterior, especialmente dos países da América Latina e do continente africano, constituindo um grande fator de estímulo para nossa universidade.⁴

Desta forma, teríamos muito para falar do Pós-Afro no que diz respeito às temáticas produzidas, porém vamos apenas nos deter à temática proposta para este trabalho, que se concentra nos estudos africanos, do ponto de do ponto de vista epistemológico seria pesquisas e estudos desenvolvidas sobre as sociedades africanas e sobre a África em seu contexto mais geral, conforme aponta Huontondji (2008, p. 149) “todo um leque de disciplinas cujo objeto de estudo é África. Entre estas incluem-se, frequentemente, disciplinas como a “história africana”, “antropologia e sociologia africanas”, “linguística africana”, “política africana”,

⁴ Texto informado pelo então coordenador do Programa, disponível no repositório da UFBA: <<http://untref.edu.ar/sitios/ciea/wp-content/uploads/sites/6/2015/10/U-Bahia.pdf>>. Acesso em: 17 de abr. de 2018.

“filosofia africana”, etc.”, desenvolvido por pesquisadores africanos ou os considerados africanistas. E acrescenta que:

Todavia, pelo menos uma outra questão se coloca: quão africanos são os chamados estudos africanos? Por exemplo, por história africana entende-se normalmente o discurso histórico sobre África, e não necessariamente um discurso histórico proveniente de África ou produzido por africanos. Em termos gramaticais, referimo-nos à história de África: historia Africae em Latim, em que Africae, genitivo de Africa, seria um genitivo objectivo, e não um genitivo subjectivo. Na mesma ordem de ideias, a sociologia ou a antropologia africanas significam a sociologia ou antropologia de África enquanto genitivo objectivo, ou seja, um discurso sociológico ou antropológico sobre África e não uma tradição sociológica ou antropológica desenvolvida por africanos em África. Da mesma forma, a linguística africana é entendida como o estudo de línguas africanas e não necessariamente um estudo feito por africanos. Imaginemos um grupo de académicos africanos que estudem Japonês, por exemplo, ou Inglês, Alemão ou Português. Deles não se dirá que estão a contribuir para o desenvolvimento de uma tradição de investigação linguística em África, mas sim que estão a produzir uma linguística japonesa, inglesa, alemã ou portuguesa (HUONTONDI, 2009, p. 121)

Para Oliveira Junior (2010, p. 22) “os primeiros estudos sobre as culturas africanas no Brasil surgiram no bojo dos desdobramentos do pensamento científico, e simultaneamente às expedições científicas europeias em África, que contemplavam os povos colonizados durante o século XIX”, nessa perspectiva ainda e acordo com as reflexões do mesmo autor, os estudos de Raymundo Nina Rodrigues⁵, lideram as primeiras produções académicas sobre os estudos africanos no Brasil, com os estudos pioneiros na área de antropologia criminal e medicina legal, com Nina Rodrigues, os estudos sobre a África ganham visibilidade, ainda de que de maneira estigmatizada, pois estavam ligadas as concepções evolucionistas da época

Diante da percepção da negação e silenciamento da história do continente africano, intelectuais africanos passam a pensar uma produção do conhecimento de dentro para fora do continente africano, o lançamento dos oito volumes de história

⁵ Cf. Os Africanos no Brasil. São Paulo: Editora Nacional.

geral da África pela UNESCO, marca essa perspectiva e permite outras reflexões. Pensar essa produção pelo africanismo⁶

Com efeito, a história da África, como a de toda a humanidade, é a história de uma tomada de consciência. Nesse sentido, a história da África deve ser reescrita [...] esse continente presenciou gerações de viajantes, de traficantes de escravos, de exploradores, de missionários, de procônsules, se sábios de todo tipo, que acabaram por fixar sua imagem no cenário da miséria, da barbárie, da irresponsabilidade e do caos. Essa imagem foi projetada e extrapolada ao infinito ao longo do tempo, passando a justificar tanto presente quando o futuro. (KI- ZERBO, 2010, p. XXXII).

Assim, torna-se importante salientar o papel dos estudos das diásporas e das realidades africanas, como uma forma de descolonizar o pensamento e a produção do conhecimento que ainda encontra-se de certa forma alicerçada nos aportes científicos da “biblioteca colonial” no que a luz de outras ideias, Dias (2014, p. 03) “a continuação da dependência científica, em várias situações mesmo funciona, em relação às ex-metrópoles e a conseqüente lenta e ainda muito inacabada ruptura com os pressupostos, os protocolos e os cânones impostos e durante muito tempo acriticamente aceites.” Em uma outra análise, sem se distanciar deste contexto, os estudos africanos acabam por se tornar um desafio dentro do programa, uma vez que nossos currículos ainda não estão preparados para a descolonização do conhecimento.

Desta forma, o Pós-afro atua em contribuição com a argumentação de KI-Zerbo (2008) quando aponta que os estudos africanos permeiam trazer a contribuição das sociedades africanas para a historiografia mundial.

Nos escritos de Furtado (2016), quando direciona as reflexões em torno de que os estudos africanos encontrem no continente africano uma centralidade analítico-reflexiva, ajuda a pensar formas de desmistificar o pensamento de homogeneização das sociedades africanas, pensando estas sociedades como multifacetadas e multisituadas, possuidoras de dinâmicas próprias,

⁶ Africanismo é um conceito e uma ideia central para os pesquisadores alinhados à perspectiva da diáspora negra/africana, pois, representam o entendimento do caráter universal da história africana articulada a uma ideia de unidade e multiplicidade de experiências articuladas entre si. A perspectiva teórico-epistemológica fundada numa cosmovisão africana de mundo e de sociedade é outra característica destes pesquisadores. (PAULA, 2013, p.13)

Antes, propõe-se pensar o continente africano como possuidor de uma autonomia histórica, por conseguinte política, cultural, social e econômica, podendo a sua trajetória histórica ser narrada, erigindo as sociedades africanas enquanto agências e os africanos como portadores de uma capacidade de agenciamento proporcionadora, entre outras, de uma potencialidade para uma emancipação intelectual, esta inscrita num discurso emancipatório, sem denegar ou renegar nem a história e historicidades de outras sociedades, povos e civilização, de um lado, e nem as múltiplas conexões que se foram tecendo entre o continente africano e outros continentes no transcurso da(s) história(s)/estória(s) da humanidade. (FURTADO, 2016, p. 132)

Dentro do Pós-Afro, percebe-se essa discussão nas disciplinas ofertadas na linhas de estudos africanos e permite que possamos refletir melhor sobre a história do continente africano bem como as dinâmicas internas das sociedades africanas, possibilitando novas formas de produção do conhecimento, desta vez reconstruindo a historiografia sobre os estudos em África.

Pensar o continente africano enquanto ponto de partida para os estudos dos outros continentes, não por ser este, segundo Furtado (2016) “centrado em si mesmo”, mas desconstruir as narrativas que permitiram que fosse sustentada um historiografia que não permite que outras visões do continente africano sejam apontadas nos estudos epistemológicos em outros espaços. Conforme podemos perceber a seguir:

Constatamos também que um esforço importante foi feito por pesquisadores africanos que, no contexto da luta pelas independências, desenvolveram todo um trabalho de reescrita e reinserção da história do continente africano e de seus povos, muitas vezes com um forte cunho nacionalista, mas que foram fundamentais para a desconstrução da visão euro-ocidental, intrinsecamente eurocêntrica e estruturalmente ideológica. (FURTADO, 2016. p. 134)

Desta maneira, o esforço empreendido por intelectuais africanos e africanistas, no sentido de desconstruir a história da África e das sociedades africanas que foi essencializada pela produção científica ocidental, caminha para trazer a anterioridade da civilização africana e sua importância para as produções acadêmicas, assim o Pós-Afro tem seu papel como um espaço de possibilidades, dando condições teóricas e metodológicas para que isto aconteça.

3- ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

A compreensão da importância dos estudos africanos para novas construções epistemológicas se sustenta não apenas na realização das pesquisas em todas as esferas acadêmicas, mas na difusão dos estudos realizados, como forma de desconstruir perspectivas errôneas do continente africano, e construir novos olhares, desta vez protagonizada, sobretudo, pelos pesquisadores (as) africanos (as).

O Centro de Estudos Afro-Orientais dentro do seu bojo ideológico permitiu novos acessos a outros conhecimentos sobre o continente africano e sobre papel dos africanos no contexto das diásporas, nessa perspectiva, pelo olhar da formação acadêmica que segue uma linha de pensamento científico, há uma ligação do CEAO com o Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos, seja no seu viés acadêmico ou no viés estrutural da proposta de trabalho.

Pontua-se ainda que, desafios permeiam o campo dos estudos africanos, no Brasil e na Bahia, pois a biblioteca e o currículo ainda refletem perspectivas coloniais de produção do conhecimento. Portanto, sugere-se que haja, uma melhor sistematização e difusão das produções no campo dos estudos africanos dentro do Programa, é preciso haver uma valorização maior, pois estas produções tem como foco as várias temáticas que trazem em si os contextos Africanos, os quais são de extrema importância para que possamos pensar a realidade brasileira, e a influência da presença africana neste espaço.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Marcelo; CORREA, Sílvio Marcus de Souza. Entrevista com o historiador Valdemir Donizette Zamparoni. **MÉTIS: história & cultura**. v. 10, n. 19, p. 257-265, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/metis/article/viewArticle/1748>>. Acesso em: 02 de dez. de 2015.

BOAVENTURA, Edivaldo Machado. **A construção da universidade baiana**: objetivos, missões e afrodescendência. Salvador: EDUFBA, 2009. Estudos africanos na escola baiana: relato de uma experiência. p. 215-236. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>. Acesso em: 29 de jun. de 2016.

CARNEIRO, Sueli. Raça e etnia no contexto de Beijing. In: WERNECK, Jurema. MENDONÇA, Maísa. WHITE, Evelyn C. (org). **O livro da Saúde das Mulheres Negras: nossos passos vêm de longe**. Ed. Rio de Janeiro: Pallas/Criola, 2000.

DIAS, Eduardo Costa. Repensar os estudos africanos: descolonizar o pensamento, questionar as práticas, reconfigurar as agendas. **Revista Lusófona de Estudos Culturais/Lusophone Journal of Cultural Studies**. Vol. 2. n.1. 2014. p. 7-24. Disponível em: <<http://biblioteca.versila.com/3338945/repensar-os-estudos-africanos-descolonizar-o-pensamento-questionar-as-praticas-reconfigurar-as-agendas>>. Acesso em: 29 de jun. de 2016.

FURTADO, Claudio Alves. O continente africano e a produção africana do conhecimento. **Revista Latino-Americana de Estudos Avançados**. v.1, n.1 § jan./jun. 2016. p. 118–137. Disponível em: <<https://revistas.unila.edu.br/index.php/relea/article/view/540>>. Acesso em: 13 de jul. de 2016.

HOUNTONDI, Paulin J. . “Conhecimento de África, conhecimento de africanos: duas perspectivas sobre os estudos africanos”. In: SANTOS, Boaventura de Souza; MENEZES, Maria Paula (orgs). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Edições Almedina, 2009. p. 119-132.
KI-ZERBO, Joseph (Editor). **História geral da África I: metodologia e pré-história da África**. 2. Ed. Brasília: UNESCO, 2010.

MOORE, Carlos Wedderburn. Novas Bases para o Ensino da História da África no Brasil. In: BRASIL, **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm acesso em: 01 de abr. de 2018. p. 133-167.

OLIVEIRA JUNIOR, Gilson Brandão de. **Agostinho da Silva e o Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO): a primeira experiência institucional dos estudos africanos no Brasil**. 2010. 235f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História Social. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Faculdade de São Paulo. 2010.

PAULA, Benjamin Xavier de. OS ESTUDOS AFRICANOS NO CONTEXTO DAS DIÁSPORAS. **Revista Educação e Políticas em Debate**. V. 2, n. 1. jan./jul. 2013. p. 10-26. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/revistaeducaopoliticas/article/view/24058>>. Acesso em: 29 de jun. de 2016.

PROGRAMA de Pós-Graduação em Estudos étnicos e Africanos. Disponível em: <<http://untref.edu.ar/sitios/ciea/wp-content/uploads/sites/6/2015/10/U-Bahia.pdf>>. Acesso em 29 de dez. de 2015.

PROJETO do Centro de Estudos Afro-Orientais. Disponível em: <<https://ufba.br/sites/devportal.ufba.br/files/projceao.pdf>>. Acesso em 02 de dez. de 2015.

REIS, Luiza Nascimento dos. Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO): intercâmbio acadêmico e cultural entre Brasil e África. Anais do IV Encontro Estadual de História ANPUH-BA. 29 de Julho a 1º de Agosto de 2008. Vitória da Conquista - BA. Disponível em: <<http://www.uesb.br/anpuhba/anaiseletronicos/Luiza%20Nascimento%20dos%20Reis.pdf>>. Acesso em: 29 de jun. de 2016.

SCHLICKMANN, M. **A introdução dos estudos africanos no Brasil nos anos 1959 -1987**. 135f. 2015. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação em História. 2015.

TELES, Jocélio Santos. Um centro dedicado à pesquisa dos negros. **Revista Estudos Avançados**. n. 18. , 2004. p. 141-145. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n50/a14v1850.pdf>>. Acesso em 02 de dez. de 2015.

ZAMPARONI, Valdemir Donizette. A África e os estudos africanos no Brasil: passado e futuro. **Revista Ciên. e Cult.** V. 59. n.2. p. 46-49. Disponível em: <<http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252007000200018&script=sciarttext>>. Acesso em 19 de jul. de 2016.